

CONFLITO DE GERAÇÕES: O EXPRESSIONISMO E CHRISTOPH MECKEL

*Claudia Dornbusch**

Abstract: In this article, we try to identify characteristics of German Expressionism in contemporary literature and its possible variations. The focus will be on the generation conflict and the text *Suchbild über meinen Vater* by Christoph Meckel (1980).

Zusammenfassung: In diesem Artikel geht es darum, Charakteristika des deutschen Expressionismus und ihre Varianten in der deutschen Gegenwartsliteratur nachzuweisen. Unter dem Gesichtspunkt des Generationenkonflikts wird das 1980 veröffentlichte Werk *Suchbild über meinen Vater* von Christoph Meckel untersucht.

Palavras-chave: Expressionismo alemão; Conflito de gerações; Literatura alemã contemporânea.

Conflitos de todos os tipos são absolutamente normais em todas as camadas sociais e em várias fases históricas. Problemas entre pais e filhos são parte do nosso dia-a-dia. As publicações sobre o assunto vão desde as prosaicas revistas tradicionais como *Pais & Filhos* ou a recentemente lançada alemã *Pap's* que, entre outras coisas, ensina a pais "solteiros" qual a melhor fralda descartável, até obras literárias que envolvem um processo de reflexão profundo, num confronto com gerações anteriores.

O conflito de gerações é um tema recorrente na literatura, especialmente na alemã, que sempre esteve às voltas com pais misteriosos e sombrios, despóticos, símbolos de uma geração anterior à do eu narrador desses relatos, aliadas à ordem vigente, ao passado e todos os problemas daí decorrentes.

Escolhemos este tema, pois parece interessante observar como ele se manifesta em duas épocas distintas, detectando as suas características em cada uma.

* A autora é professora do Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão, da USP.

Para tanto, faremos um esboço do problema no Expressionismo, época vanguardista *par excellence*, para depois compararmos a sua presença na obra *Suchbild über meinen Vater*, do escritor alemão Christoph Meckel, que publicou o seu livro em 1980.

Os exemplos de conflito de gerações são mais frequentes no Expressionismo alemão e a partir dos anos 70, o que, segundo Hans Gerd Rötzer (in: *Geschichte der deutschen Literatur*), deve-se ao fato de serem épocas de fortes reviravoltas econômicas e mudanças na consciência pública. Nesses casos, as novas gerações medem as aquisições de seus antepassados pelos resultados concretos, extraindo-lhes as contradições. A partir do fim da Segunda Guerra, tal fato tornou-se mais evidente, pois a geração dos pais calara-se em relação ao seu passado, envolvida que estava na embriaguez da reconstrução e do milagre econômico.

O que foi o Expressionismo? Uma rebelião contra a sociedade fundamentada em valores capitalistas e burgueses, em todas as suas vertentes. Além disso, também foi um movimento moralista pelo redescobrimento do homem, como um Eu que quer se realizar no presente momento. Como alcançar isso, com que meios? A maioria daqueles que disseminavam tais idéias provinham de famílias burguesas, com boa formação. "Eles sabiam mais sobre Nietzsche que sobre a realidade proletária que os cercava. Baseavam-se em Nietzsche, em seu conceito do ato grandioso: o grande ato, um conceito mágico, encontrado em excesso na literatura daquela década: o ato grandioso como auto libertação, autorealização. A execução desse ato, no entanto, foi de parcos resultados, resumindo-se a conflitos entre pais e filhos. Os pais como representantes do sistema social desprezado deviam ser superados pelos filhos, estes como porta-estandartes de uma nova era humanitária. O assassinato libertador dos pais passou a ser o tema-padrão nos palcos, sendo os exemplos mais conhecidos as peças *Betler (Mendigo)* de Reinhard Sorge e *Der Sohn (O Filho)* de Walter Hasenclever" (Rötzer, *Op. cit.*, 302). Na peça de Hasenclever, ao final, o filho que foge o faz ao som da 5ª. Sinfonia de Beethoven. Talvez o caso internacionalmente mais difundido da temática dos pais contra os filhos seja o "caso Kafka", em que a figura paterna oprimadora torna-se fonte de pesadelos, traumas e incapacidades. Kafka, no entanto, não pode ser tão facilmente encaixado como exclusivamente

expressionista, já que ocupa uma posição *sui generis* na história da literatura, devido à sua obra multifacetada e inescotável.

Não se tratava, nesses casos, de uma análise dos sintomas, mas da criação de uma figura que pudesse ser culpada de todos os pecados do mundo, que culminou numa luta contra os todos-poderosos pais. O posicionamento anti-burguês teve a sua origem, portanto, dentro da própria burguesia. Era um cachorro que morde o próprio rabo. Não se tratava de combater as condições reais existentes, mas o espírito que reinava sobre elas, o que originou a ambição por liberdade de espírito e fraternidade universal. Acontece que a realidade mostrou ser soberana, sendo as pressões econômicas e sociais mais fortes, ao largo das quais passaram os idealistas.

O fracasso do Expressionismo encontrava-se, portanto, pré-figurado nele mesmo, pois não bastava destruir a linguagem dos pais e a sua gramática, usando os palcos como parlório e anulando a tradição. A utopia era justificável até certo ponto para aquela geração, mas não se mostrou efetiva, o que levou os autores a, eles próprios, procurarem por outros caminhos a partir de 1920, distanciando-os de seus anseios iniciais. Uns optaram pela arte como única realidade existente; outros – a maioria – pelo caminho socialista e pelo trabalho político. Outros, ainda, encontraram refúgio numa renovada crença religiosa.

Observamos, desta forma, que como todos os movimentos que se baseiam em fundamentos movidos pela paixão exaltada, também o Expressionismo foi de pouca sobrevivência. No entanto, é inegável o seu estímulos momentâneo às artes e à efervescência produtiva, que se refletiu em vários países, inclusive no Brasil.

Passemos a observar, agora, o que se deu na literatura dos anos 70 na Alemanha, para depois examinarmos mais detidamente a obra de Meckel.

Passados 50 anos da efervescência expressionista, deparavam-se agora os artistas com os reflexos das sombras do pós-guerra, com o outro lado das consequências do milagre econômico alemão. Eles, filhos de uma geração diretamente envolvida na guerra, pareciam carregar uma pesada culpa, precisando dela se livrar. Precisavam, pelo menos, saber

de onde provinham, analisar os pais em seu contexto histórico, fazendo um levantamento de suas reações e idéias. Como um fantasma, o passado rondava esse processo, envolvendo culpa e expiação.

Esse tipo de preocupação insere-se na literatura em que várias vertentes surgem entre 1945 e 1990. Nesta época há, no início, a assim chamada literatura de escombros, por alguns considerada um marco zero na literatura, por tratar-se de um início a partir do nada. Surge, nesse contexto, a narrativa curta, a *Kurzgeschicht* ou *short story*. Há, também, a radiopenga, característica dessa época. Nos anos 50, os romances criticam a sociedade do milagre econômico, com o respectivo indivíduo ajustando-se ou não a ela. A seqüência literária pode ser tanto a literatura como elemento lúdico ou a politicamente engajada, objetivando um acerto de contas. O mesmo objetivo têm a poesia concreta e o teatro documentário, como o de Peter Weiss (*Marat/Sade*) ou Hans Magnus Enzensberger (*Das Verhör von Habana*) (entre os anos 60 e 80). Outra vertente é a que enfatiza a realidade do absurdo, bem como a que critica o neo-realismo, cujos representantes são, por exemplo, Peter Handke (*Publikumsbeschimpfung*), Thomas Bernhard (*Immanuel Kant*) e Botho Strauß (*Paare, Passanten*). São autores que também poderiam ser inseridos na assim chamada "Nova Subjetividade" ou "Nova Sensibilidade", ou ainda "Realismo Subjetivo", em que os autores se libertam de modelos pré-estabelecidos e tentam estabelecer-se como indivíduos. Isto não significa, de modo algum, a anulação de uma consciência social, apenas alterou-se a perspectiva, o ângulo de visão.

Nesse âmbito situemos, portanto, Christoph Meckel. Mais conhecido por sua produção lírica de tom expressionista e montagens surrealistas, o autor nasceu em 1935 surpreendeu com a publicação de *Suchbild über meinen Vater* em 1980. Trata-se de uma narrativa autobiográfica em que o autor arrola as lembranças de infância, ao mesmo tempo em que se aproxima da geração dos pais, marcada pelo nazismo. Tal obra lhe valeu o prêmio literário da cidade de Bremen em 1981.

Suchbild é considerado o ponto alto de uma literatura que novamente se preocupa com a geração dos pais. Após a desilusão das utopias da Revolução Estudantil, durante o final dos anos 70 na Alemanha os autores voltaram-se mais para o estado subjetivo do indivíduo, temas da

atualidade ou textos autobiográficos. A tardia preocupação com os pais culminou, no final dos anos 70 e início dos anos 80, com obras como *Nachgetragene Liebe* de Peter Hürting em 1980, *Lange Abwesenheit* de Brigitte Schwaiger em 1980, *Der Riese am Tisch* de H. Wiesner em 1979 e *Der allgäugliche Tod meines Vaters* de P. Kersten em 1978, acompanhadas pelos meios de comunicação, como a exibição da série *Holocauso* pela TV e a projeção do longo *Heimat* de Edgar Reitz, este último num nível mais reflexivo.

Observemos o título: *Suchbild*. Trata-se de um conceito da ciência do comportamento, que significa a imaginação, concepção que temos de alguma coisa que procuramos. Por exemplo: quando um ser qualquer sente fome, ele procura alimento. Para tanto, os animais têm um mecanismo desenvolvido que lhes permite saber quando e como encontrar o que procuram, o que torna a sua busca direcionada especificamente àquele objeto e, conseqüentemente, mais efetiva.

Meckel, também artista plástico premiado, ilustrou o próprio livro com a gravura da capa, uma espécie de *Suchbild* sem o sentido comportamental, mas uma espécie de jogo dos sete erros (ou sete pecados capitais?), em que sempre há algo que se esconde. Em busca de um quadro da figura humana que foi realmente o seu pai, o autor tenta com- parar o seu quadro imaginário com aquele que descobre a partir da leitura dos diários de guerra do também escritor Eberhard Meckel.

O início da narrativa é uma exaltação da felicidade infantil, reproduzindo a segurança que a presença do pai infiltrava nos passeios desocupados no antigo DKW. A primeira frase da obra: "Eu guardo a felicidade/a sorte da primeira lembrança". É um parágrafo de 13 linhas e o mais carinhoso de todo o livro. Daí em diante escurece-se o tom, passando a ser de acidez crítica, tentando ser objetiva.

Para caracterizar o pai, ele inicia o parágrafo seguinte: "Com confiança e pedantismo ele administrava o próprio tempo de vida. Todo o vivenciado nos papéis. Ele arquivava." Esta última oração introduz o mundo em que vive o pai, sendo um mundo que não é compreensível sem organização, etiquetado e encaixado, para uma melhor supervisão e um controle mais efetivo. "Ele sempre reorganizava e destruía pouco."

O passo seguinte é a descrição do mundo geográfico do pai, com enumeração de fatos e dados que aparecem num crescendo crítico:

“O mundo do meu pai é a paisagem de Baden, entre Karlsruhe e Basel. (...) É a paisagem de Johann Peter Hebel (...). Há o catolicismo e a poesia local em dialeto, de trás os montes e detrás da lua. Há a superstição, o carilhão das prefeituras e o Natal cristão. Há o orgulho do cabeça-dura provinciano, com termos como TORRÃO DE TERRA e ENRAIZAMENTO NA PÁTRIA, e há um chauvinismo crônico, muitas vezes ingênuo e quase bondoso, ou então cabeça-dura-rústico contra alemães que falam o dialeto Plattdeutsch, franceses, burmeses, crianças, estudantes, cantores de protesto, suíços, islandeses, judeus, devoradores de espaguete, chilenos, negros, russos e advindos (o chauvinismo mantém-se dentro dos limites, desde que os acima citados não pisem em solo local). (...) Há centenas de casas Hebel com quadros de Hebel, dizeres de Hebel e professores oficialmente hebelantes. Há uma concepção anti-desenvolvimentista de solo, posse e tradição, decência e ordem. Há a *Badsche Zeitung* (Jornal de Baden), o *Schwarzwälder Bote* (Mensageiro da Floresta Negra) e uma quantidade aleatória de jornalecos locais de todas as tendências, entre rosa, preto e comprovadamente incolor.”

Cabe observar aqui que Hebel foi um escritor da região, que narrava histórias locais e que viveu no século passado de 1760 a 1826, inserindo-se entre o período clássico da literatura alemã e o Romantismo. Tinha uma visão cristã do mundo, que transpunha para a sua região (a região sul do Reno), sendo o primeiro a trabalhar o potencial poético do dialeto e do regionalismo.

Christoph Meckel faz um levantamento em busca das origens do pai, que justifiquem o seu comportamento posterior. Seu avô era um renomado arquiteto que “amava a própria dignidade e seu cachorro”. A esposa ficava trancada em casa, cuja função era distribuir conforto. Após a morte do marido, transformou-se em viúva alegre. O filho mais novo, pai de Christoph, sofreu com o pai extremamente severo:

“Meu pai sofria de falta de amor crônica e gaguejou cedo. (...) Por toda sua vida, lutou para conquistar o amor do pai, não tendo eco. (...) A fórmula educacional para os filhos era: você não é nada, você não sabe

nada, faça os seus deveres de casa. Essa fórmula repetiu-se literalmente nas palavras de meu pai, quando leu meus primeiros poemas.”

Ao mesmo tempo em que crítica a postura do pai, o autor tenta buscar as origens desse modo de agir; há uma tentativa de compreensão humana. O tom, mais adiante, continua escurecendo, quando se fala de seus amigos, grandes nomes como Günter Eich e Peter Huchel e a esposa de Kurt Tucholsky, perseguido pelo nazismo, que se escondia na vizinhança, o que só foi descoberto após à guerra.

“Várias vezes perguntei a meu pai o que os anos 30 foram para ele e como vivia e principalmente: o que ele e seus amigos pensavam, sem, no entanto, obter uma resposta esclarecedora. Enquanto Brecht, Döblin e Heinrich Mann emigravam, Loerke e Barlach sufocavam na Alemanha até a morte, enquanto Dix e Schlemmer sucumbiam em vilarejos no sul da Alemanha, músicos, cientistas e diretores desapareciam, colegas eram difamados, perseguidos, proibidos, livros eram queimados, ele escrevia versos calmos de forma tradicional e construía uma casa, em que queria envelhecer.”

O processo de montagem textual entra em ação neste ponto, quando Meckel insere trechos dos diários de guerra de seu pai na obra, contendo suas concepções de mundo, observações políticas, literárias e pessoais. Assim por exemplo:

“Hitler quer a guerra? É um bater de sabres nojento e barulhento aqui. Onde a dignidade e o gesto nobre? (12/1/038)

À noite B. aqui, para muitas conversas boas. Chegamos ao acordo que, no fundo, povo é algo desprezível, pois espiritualmente não foge à sua condição de massa. Sempre vejo novamente como é maravilhoso viver com Goethe, por exemplo (02/01/39).

Dia deprimente. Decisão de não escrever nada, nenhuma palavra, nenhuma linha que possa se aproveitar da guerra ou servir a ela (26/1/039).”

O que incomodava o pai de Meckel no nazismo era o estilo barulhento e indigno de seus adeptos, vulgares. Não se ocupava com eles pois não perderia tempo com sua falta de espírito, que não se coadunava com as idéias de Goethe. Lutava, sim, por uma dignidade do ser humano em defesa

do que julgava ser preservado: a pátria. Em busca desse ideal, lançou-se, durante os anos da guerra, à sua realização como soldado e oficial. Esse seu lado superior, de controle, ele também usava com seus filhos, em que batia quando faziam algo de errado, como quando Christoph roubara um anel da casa da costureira e recebeu varietadas na mão por isso. Essa foi a primeira quebra de confiança no pai, quando tinha 4 anos de idade:

“Seja lá o que aconteceu no paraíso, com Adão, Eva, Lilith, a cobra e a maçã, a intempérie bíblica justiceira antes dos tempos, o berreiro do todo-poderoso e seu dedo em riste – disso tudo eu não sei nada. Foi meu pai quem me expulsou de lá.”

A justificativa do livro encontra-se no seguinte trecho: “Não tinha a intenção de me ocupar com o meu pai. Não me parecia necessário escrever sobre ele. O caso – um caso particular – estava encerrado. Eu teria anotado lembranças que tenho dele, sem a intenção de fazer alguma coisa com elas. Provavelmente não teria mais pensado nele por um bom tempo. Nove anos após a sua morte ele volta e mostra o seu perfil. Desde que li os seus diários de guerra, não posso deixar o caso como está; não é mais particular. Eu descobri as anotações de alguém que não conhecia. (...) O homem que conhecia ou julgava conhecer, era apenas parte daquele outro, que ninguém conhecia. Após conhecer um e outro, falta uma ordem do dia à qual eu possa passar.”

Essa constatação amarga provocou uma incompreensão imediata, decepção, surpresa, que foram transformadas em produção literária (“você não sabe nada”), não mais tendo o direito de ficar restrita ao âmbito pessoal. É considerada uma tarefa como cidadão consciente, quase uma exploração da culpa de algo que não fez. Ainda comentando a sua produção diz Meckel:

“Escrever sobre alguém significa: anular o efeito de sua vida em favor do efeito de uma língua. A construção da frase exige mais uma vez a morte do morto. Aniquilá-lo e criá-lo é o mesmo processo de trabalho. Mas não quero ter razão contra o meu tema.

O que resta da pessoa viva? O que dela se torna visível na engrenagem das frases? Talvez uma suposição de seu caráter, os contornos fugidios ou claros de uma imagem cifrada. Sem invenção uma tal empreitada tor-

na-se impossível. Não inventei nada sobre a pessoa, mas selecionei e resumi (impossível representar sem avaliação). Fiz frases e portanto: inventei linguagem.

A descoberta expõe e encobre o homem.”

Justificando a criação, procura o máximo de informação possível para o leitor entre o emaranhado das frases. Resta a questão: a seleção que fez não teria sido de modo a poupar críticas mais acirradas? Em alguns momentos, reavalia a própria posição, envolvendo a fraqueza para tema: “Qualquer coisa que eu fizesse, era para além dele e para uma vida que ele não conhecia. Ele ficara terno e eu não percebi.” E mais adiante:

“Num longo e penoso processo, em que desespero, amor e inveja se encontravam, ele colocou-se ao meu lado, resignado. Com humor doloroso afirmava que se tornara o pai de seu filho. **VOÇÊ ESCREVE OS VERSOS QUE EU QUERIA ESCREVER.**”

Esse ajuste de contas não exclui o lado fraquejante do pai, lado humano. “Ele parecia não saber que havia se tornado solitário. A solidão o fizera cego para a defesa contra os outros.” Transforma-se numa figura que inspira piedade.

Como numa colagem, Meckel acrescenta, ao final do seu texto central, uma espécie de conto-de-fadas, que chama de “Nachgeschichte” (estória posterior), considerado por alguns como uma saída lírica encontrada pelo autor para o doloroso trabalho anterior de cronista. Neste adendo, o personagem é o pai do narrador na idade de três anos e cem dias, que observava uma nuvem que vinha do céu, encobriu a luz e caiu no jardim silenciosamente. Era, na verdade, um balão, em cujo cesto havia um capitão. Este capitão convidava o pai, vestido de marinheiro, para que viajasse e levasse o mundo com eles: a casa, o jardim, todas as coisas colecionadas durante anos, reduzidas a miniaturas a um simples tapinha. Ao final, apenas o cesto, contendo o mundo.

Este final foi cerne de várias discussões sobre o seu significado. O pai dominando o mundo aniquilado, sem finalidade alguma? O isolamento em seu próprio conceito de domínio, pré-figurado já na criança? A criação do mundo ao contrário? Seja lá como for, o livro mostra-se como

uma montagem – recurso expressionista por excelência – extremamente bem realizada, em que as marcas da iconoclastia em busca da utopia de um novo homem deixam as suas marcas. A linguagem é o fator que deslota, por não ser, de modo algum, elemento da estética do feio. Pelo contrário; a arte da palavra bem pesada desvela aquilo que deve ser mostrado como feio. Encontra-se nesse ponto a força da linguagem de Meckel, motivo pelo qual foi caracterizado como marca da melhor obra sobre a literatura de pais de sua geração.

No entanto esse tema, por ser bastante pessoal no caso de Meckel, permite aceções contrárias, dependendo do estado do leitor. Assim, a obra foi caracterizada de dois modos diversos na Alemanha. Franz Schonauer, do *Norddeutscher Rundfunk*, recomenda a leitura do livro “ao qual faltam, até na dicção, bondade e compreensão, que deixa enxergar consternação ou mesmo vergonha”. Jürgen Wallmann, do *Süddeutscher Rundfunk* comenta: “Este é um livro doloroso, triste, escrito sem raiva, mas também sem consideração, no máximo com um pouco de compaixão, frio, justo, com o olhar aguçado e a partir de conhecimento íntimo Christoph Meckel desenha aqui uma vida alemã, que não parece ter sido atípica.” Trata-se, portanto, de um retrato de toda uma geração.

A mãe de Meckel publicou suas anotações de diário dos anos entre 1944 e 1947, numa linguagem igualmente exata e detalhada, que são verdadeiros retratos de época da Alemanha dividida. Ela própria adverte discretamente o leitor de que reconhece nelas “um acréscimo ao penúltimo livro de meu filho Christoph, o ‘Suchbild’ sobre o pai.”

Gostaríamos de fechar com uma citação de Günter Eich que é uma das que abrem o livro de Meckel e que mostram o quão doloroso foi, para ele, escrever a obra: “A vergonha de que o sobrevivente tenha razão, desincumbido da decisão e com a altivez da sentença!”

Referências bibliográficas

- MECKEL, Christoph. *Suchbild über meinen Vater*. Frankfurt, Fischer, 1995.
RÖTZER, Hans Gerd. *Geschichte der deutschen Literatur*. Bamberg, C.C. Buchner, 1992.